

INTERVENÇÃO, CIDADE E AFETO

André Ramos¹, Cléber Cardoso Xavier² e Samara Araújo³

Resumo

O objetivo deste artigo é deslocar o olhar e a reflexão para um conjunto específico de intervenções urbanas. As cidades – espaços urbanos constituídos por agrupamentos humanos organizados como rizomas –, atravessam mudanças profundas em sua estrutura e ordem social. A apropriação pelos sujeitos sociais dos espaços considerados públicos para realização de intervenções urbanas artísticas, como forma de manifestação, de fruição e, de modo especial, para humanização e construção de vínculos afetivos são o cerne dessa comunicação. Os “não-lugares” são invadidos por mensagens visuais que provocam sentimentos diametralmente opostos a esses ambientes de passagem e modificam sujeitos e objetos.

Palavras-chave: Intervenção urbana, cidade, poética, afeto.

Introdução

A partir da abordagem do desenvolvimento sociointeracionista (Vygotsky, 1998), entende-se que os sujeitos, transeuntes do mundo, têm suas identidades erigidas a partir da interação com seus pares e com o meio no qual estão inseridos.

Heidegger corrobora esse olhar, a partir da filosofia existencialista, quando propõe que o a existência precede a essência e que, esta segunda, só se constitui a partir das vivências que o existir promove.

Para Agamben (2013), a relação dos sujeitos com o meio, ou com o “entorno”, estabelece-se por meio de acoplamentos, muitas das vezes transitórios. Os acoplamentos são acionados a partir de estimuladores, os chamados

¹ André Luís César Ramos é doutorando em Arte e Tecnologia sob orientação da Dra. Thérèse Hofmann, mestre em Educação e bacharel em Design pela UnB. Docente, desde 2004, na pós-graduação *lato sensu* e na graduação em Jornalismo, Publicidade e Design do UniCEUB. Consultor (PNUD) no Ministério da Justiça, atua em projeto de identidade e resgate histórico da Secretaria de Reforma do Judiciário. Elaborou o curso técnico de Design Gráfico do Senac-DF. Contatos: and.ramos@terra.com.br e (61) 8161.0202.

² Cleber Cardoso Xavier é doutorando em Arte pela Universidade de Brasília, onde desenvolve pesquisa sobre as Escolas Parque brasileiras, sob orientação da Dra. Thérèse Hofmann. Docente da rede pública de ensino do Distrito Federal desde 2009. Co-autor do livro *Brasíliax5: 50 anos de artes visuais em Brasília* que resgata a memória dos espaços de artes visuais nos primeiros 50 anos da capital brasileira. Como fotógrafo já expôs em diversas cidades brasileiras. Contatos: ccxavier@hotmail.com e (61) 8152.8250.

³ Samara Caroline de Araújo é mestranda em Arte pela UnB, bacharel em Comunicação Social pela UFMG e em Desenho Industrial pela UEMG. Atuou nos últimos 10 anos com processos criativos e desenvolvimento de projetos de design. Busca em sua pesquisa relações entre educação, arte e design inspirações para um processo educativo em sintonia com a contemporaneidade. Sua orientadora é a professora doutora Thérèse Hofmann. Contatos: samara_araujo@yahoo.com.br e (61) 8223.1808.

desinibidores, que possibilitam aos sujeitos experiências para além de seus autorreferentes sistemas fechados.

Para somar ao arcabouço teórico que sedimenta o terreno para as conjecturas e ilações aqui pretendidas, o conceito de dialogismo, pautado em Bahktin (2003), reconhece nas relações entre pares, nas situações em que todos os lados têm voz ativa e, para além disso, capacidade e oportunidade de sensibilização e mesmo modificação do outro. No estabelecimento de relações baseadas no dialogismo polifônico pode-se enxergar a própria essência dos espaços urbanos modificados.

O questionamento que tangencia a inquietação que aqui se pretende acalorar, diz respeito à ocupação dos espaços públicos com intervenções baseadas no afeto. Em que medida é possível ocupar um espaço entendido como não-lugar e subverter-lhe o sentido inócuo e árido marcado pela ausência de laços afetivos e, segundo Augé (2005), caracterizados como sendo diametralmente opostos ao espaço doméstico, personalizado? É possível “amaciar” o concreto?

A ocupação do espaço público para fins ideológicos, políticos, contestadores tem sido bastante frequente e de grande audiência por parte dos observadores remotos. O histórico de ocupação é heterogêneo e potencializa-se com o poder de articulação e mobilização emanado pelas redes sociais. Vem desde a luta por direitos civis dos negros nos Estados Unidos; das quase cinco décadas de luta contra o regime segregacionista do apartheid; passando pelo movimento das Diretas Já, no Brasil; pelo Panelaço de 2001 na Argentina; chegando, já nos últimos anos da primeira década dos anos 2000, aos protestos contrários a regimes opressores: Mahmoud Ahmadinejad, no Irã; Mikhail Saakashvili, na Geórgia; e Hosni Mubarak, no Egito. No Brasil, nos últimos anos, as ruas foram invadidas pelos *black blocs* que reivindicaram, depredaram, e conseguiram, por trás de máscaras protetoras, demonstrar o poderio das massas.

Na contramão de atos nervosos e, por vezes, violentos, alguns artistas apropriam-se do espaço urbano para evocar sentimentos opostos aos das multidões citadas anteriormente: propaga-se o amor, a delicadeza, o afeto. As intervenções artísticas nas cidades implicam, por vezes, em dinâmicas ágeis e evasivas. Tornou-se comum, pois, para dar conta dessa ação articulada, a constituição de coletivos artísticos. Dentre esses, alguns mobilizam-se na produção poética de obras que impactem nos pedestres, passantes, transeuntes, de forma a lhes suscitar momentos afetivos e reflexivos.

Os exemplos de intervenção apresentados ao longo deste artigo são de autoria do Coletivo Transverso, grupo formado por artistas visuais e poetas e que tem atuado em diversas cidades brasileiras. O coletivo optou por uma abordagem fortemente pautada pelo uso da palavra escrita como elemento de base para a produção poética. Em termos de técnica utilizada, a maior parte das intervenções foram produzidas a partir da construção de moldes (máscaras) para a posterior aplicação da tinta em seu espaço final.

A reflexão que se propõe nesse momento diz respeito às implicações do conceito de Supermodernidade estabelecido por Marc Augé, e que redundam em acontecimentos bastantes particulares. Para Augé (2005), as sociedades passaram a adotar modelos estruturais que suprimem antigas relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos sociais. Numa sociedade da *supermodernidade*, as relações sociais são intermediadas por dispositivos artificiais, tais como cartões de créditos, compras pela internet e sistemas de

A modificação dos espaços urbanos, numa abordagem afetiva, cumpre ainda, de acordo com a perspectiva de Agamben (2013), uma função fundamental na manutenção da autopoiesis dos sujeitos. Para o autor, a modificação do espaço tira o transeunte de seu estado de "tédio profundo", para acoplar-se ao ambiente no qual está inserido. Para Agamben, esse acoplamento acontece a partir de algum fator que possibilita ao sujeito a interação com o espaço. O fator é considerado pelo autor como o desinibidor do processo de acoplamento. A intervenção poética que particulariza o espaço pode converter-se em gatilho para disparar o processo de reconhecimento do ambiente, ou entorno ou, ainda, o *Umwelt*.

Para Luhman (1998), os acoplamentos são fundamentais para a constituição dos sujeitos porém, mais que isso são essenciais para a manutenção autopoietica, uma vez que os sujeitos, enquanto "sistemas se constituem e se mantêm mediante a criação e a conservação da diferença com o entorno e utilizam seus limites para regular tal diferença. Sem diferença com relação ao entorno não haveria autorreferência" (1998, p. 40). Ainda em relação à autorreferência e particularização da percepção do entorno, Luhmann (op.cit.) afirma que "o entorno nunca irá se constituir num 'em-si-entorno', mas sempre se apresentará como entorno de um dado sistema", ou seja, o ambiente será dado sempre em função do sujeito com o qual se relaciona. O mundo é constituído a partir do ponto de vista de quem o observa.

Figura 2: stencil



Fonte: Disponível em https://www.facebook.com/coletivotransverso/photos/a.641729092533584.1073741837.28113276_8593220/813242592048899/?type=3&theater
Acesso em 05.09.2014

Figura 3: stencil



Fonte: Disponível em https://www.facebook.com/coletivotransverso/photos/a.641729092533584.1073741837.28113276_8593220/813242592048899/?type=3&theater
Acesso em 05.09.2014

Ao se evocar o conceito de cidade enquanto organismo vivo, constituído, conforme Certeau (2001) de *tecido urbano*, fluído e orgânico, é possível entender esse mesmo espaço como apto para o intercâmbio de valores afetivos. "Afeição é usado filosoficamente em sua maior extensão e generalidade, porquanto designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação sendo influenciado ou modificado por ela" (ABBAGNANO, 2014, p.18-19).

Do ponto de vista produtivo, quando analisamos o exemplo do Coletivo Transverso, é possível perceber que a efetividade das suas intervenções é bastante alta, uma vez que, por se tratar de técnica que utiliza um molde pré-estruturado, o resultado formal é, contraditoriamente, bastante funcional. Diferentemente de tipografias produzidas à mão livre por artistas urbanos, na produção de grafites, pichações e variação do gênero, e cuja legibilidade e decodificação são geralmente inexequíveis; os textos produzidos com os moldes alcançam resultados de muita regularidade.

Esta regularidade funcional, que poderia representar certa falta de expressividade, possibilita um avanço na construção poética das intervenções. É quase como se a forma rígida permitisse a libertação da ideia, do texto poético com a abordagem do afeto.

Para Piaget (1996), nenhum conhecimento é simplesmente cópia do real ou está aprioristicamente determinado na mente do indivíduo. É sempre produto de uma interação entre sujeito e objeto. E esse conhecimento é, pois, aprendizagem, fruto de uma relação dialógica que nunca tem um sentido só. Os sistemas culturais são como um "palco de negociações", onde os atores sociais estão em permanente movimento de recriação, ressignificação e reinterpretação das informações. Para Ramos (2005),

torna-se impossível considerar o desenvolvimento do sujeito como um processo previsível, universal, linear ou gradual. O desenvolvimento passa a estar intimamente relacionado com o contexto sócio-cultural em que a pessoa se insere e se processa, ainda segundo Vygotsky, de forma dinâmica e dialética, na medida em que se baseia em rupturas e desequilíbrios provocadores de contínuas reorganizações por parte do indivíduo. (RAMOS, 2005, p. 66)

A interação com as obras artísticas urbanas possibilita, ainda, o fortalecimento do sentido de pertencimento no observador. Ao perceber que é modificado pelo meio e que pode, da mesma maneira, intervir no entorno, o sujeito vincula-se ao espaço anteriormente negligenciado. Esse processo é continuamente revisitado uma vez que, enquanto tecido social orgânico que se modifica continuamente, as intervenções artísticas na cidade também mantêm um fluxo que produção, revisitações e interação entre artistas.

Figura 4: stencil



Fonte: Disponível em https://www.facebook.com/coletivotransverso/photos/a.641729092533584.1073741837.28113276_8593220/813242592048899/?type=3&theater
Acesso em 05.09.2014

Referências

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. O aberto: o homem e o animal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

AUGÉ, Marc. Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. São Paulo: Editora Papyrus, 2004.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

DID-HUBERMAN, Georges. O que vemos, O que nos olha. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

LUHMANN, Niklas. Sistemas Sociais: Lineamientos para una Teoría General. Barcelona, CEJA, 1998.

RAMOS, André L. C. Do texto ao hipertexto. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.